

PRODUÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO EM SÃO JOSÉ DO MIPIBU-RN POST VOCALIC /S/ PRODUCTION IN SÃO JOSÉ DO MIPIBU CITY- RN

Carla Maria Cunha – UFRN¹

Gabriel Sales – UFRN²

RESUMO

Este trabalho insere-se na área de Fonética e de Fonologia, mais especificamente na discussão acerca da palatalização do /S/ pós-vocálico. A pesquisa dedica-se ao estudo da fala da comunidade de São José do Mipibu, de onde foram selecionados quatro informantes subagrupados conforme o sexo (dois homens e duas mulheres), a idade (dois de faixa etária mais jovem e dois de faixa etária mais velha) e o nível de escolaridade (dois com ensino superior e dois com ensino básico). A metodologia envolve a coleta de dados a partir de narrativa controlada e de questionário fonético-fonológico. A gravação de voz passou por transcrição fonética de oitiva e por tratamento acústico dos dados. A análise respalda-se nas teorias Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1995) e na Sociolinguística (LABOV, 1977). Os resultados obtidos foram: 1. linguisticamente, a palatalização do /S/ nessa comunidade é resultado de um processo dissimilatório motivado pelo Princípio de Contorno Obrigatório; 2. a palatalização é categórica diante das consoantes /t/ e /d/, independentemente de variáveis socioculturais; 3. diante de /n/ e de /l/, há flutuação entre as produções [coronal] e palatal.

PALAVRAS-CHAVE: Palatalização; Fonética e Fonologia; Geometria de Traços; Sociolinguística.

ABSTRACT

This paper is in the area of Phonetics and Phonology, more specifically in the discussion about the post-vowel /S/ palatalization. The research is dedicated to the study of the speech in the São José do Mipibu community, from which four subgrouped collaborators were selected according to sex (two men and women), age (two younger and two older) and the level of education (two with higher education and two with basic education). Methodology has involved data collection from controlled narrative and phonetic-phonological questionnaire. Voice recording was performed by hearing phonetic transcription and acoustic data processing. Analysis is supported by Feature Geometry theories (CLEMENTS; HUME, 1995) and Sociolinguistics (LABOV, 1977). Results obtained were: 1. linguistically, the /S/ palatalization in that community is the result of a dissimilatory process motivated by the Obligatory Contour Principle; 2. palatalization is categorical in relation to the consonants /t/ and /d/, regardless of sociocultural variables; 3. in front of /n/ and /l/, there is variation between unpalated and palatized productions.

KEYWORDS: Palatalization; Phonetics and Phonology; Feature Geometry; Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende registrar a sistematicidade das realizações do arquifonema /S/ em coda silábica na fala mipibuense (de São José de Mipibu – RN) e analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam as escolhas pelas variantes alveolares e alveopalatais³ nessa posição.

¹ Professora Dra. do Departamento de Letras da UFRN – cmcunha63@gmail.com

² Graduado em Letras pela UFRN - gabriel-sales@outlook.com

³ Considerando a terminologia da Fonologia Clássica Estruturalista, assumimos as alveopalatais como palatalizadas por oposição às alveolares.

Com essa finalidade, tomamos como subsídio os pressupostos de duas vertentes teóricas, além da Fonologia Estruturalista: a Geometria de Traços e a Sociolinguística Variacionista. Logo, o tratamento de dados considera, sobretudo, o viés qualitativo, caracterizado pela descrição dos fatos fonético-fonológicos e pela correspondência com características socioculturais dos entrevistados.

A análise das formas fonéticas do /S/, na produção de fala dos mipibuenses, parte da hipótese de que a palatalização é favorecida pelo contexto fonológico seguinte – interno à própria palavra, envolvendo junção de morfemas (sândi interno) ou não, e/ou decorrente de processo de junção de palavras (sândi externo) –, caracterizado pela presença em *onset* dos segmentos coronais /t/, /d/ e /n/, independentemente de outras variáveis linguísticas, como o contexto fonológico antecedente, a posição da sílaba na palavra, a tonicidade da sílaba e a classe gramatical do vocábulo.

Em relação ao contexto fonológico seguinte favorecedor da realização palatal de /S/, nossa hipótese se aproxima do que Pessoa (1986) constatou em seu estudo sobre a fala de Natal/RN. A autora fez gravações com quatro mulheres, subgrupadas em dois níveis socioculturais distintos – duas semialfabetizadas e duas com ensino superior incompleto – e de mesma faixa etária – 20 a 25 anos. A partir da análise dos registros de fala dessas mulheres, Pessoa (1986) identificou quatro contextos linguísticos favorecedores da palatalização do /S/ em coda: diante das consoantes coronais /t/, /d/, /n/ e /l/ no *onset* da sílaba seguinte.

Pessoa (1986) também considerou como relevante para a palatalização do arquifonema o ambiente intra ou interpalavra. De acordo com a autora, intrapalavra, apenas /t/ e /d/ favorecem a palatalização na capital. Interpalavras, por outro lado, há expansão dos contextos seguintes favorecedores, caracterizados não só por /t/ e /d/, mas também pelas consoantes /n/ e /l/.

Nossa análise se distancia dos resultados de Pessoa (1986) em dois aspectos: 1. não elencamos a consoante /l/ como favorecedora da palatalização na fala de São José de Mipibu⁴ e 2. a palatalização nessa comunidade independe de processos de junção de palavras.

A análise em curso ainda traz à discussão a aplicação do Princípio de Contorno Obrigatório (OCP), que, no caso, é ativado para evitar sequência de segmentos coronais, estando um em coda e outro em *onset* na sílaba subsequente.

A abordagem fonético-fonológica da pesquisa decorre da natureza do fenômeno em análise. Para representação dos sons e interpretação dos processos fonológicos que os atingem, trabalhamos com os princípios da Fonologia Autossegmental, de acordo com o modelo de Geometria de Traços proposto por Clements e Hume (1995). A escolha pela abordagem sociolinguística, por sua vez, decorre do entendimento da língua como um sistema heterogêneo, mutável, composto por diversas variantes e correlacionado ao contexto social em que é utilizado (LABOV, 1977).

De início, as variáveis socioculturais selecionadas para análise foram o sexo e a escolaridade dos participantes⁵. A escolha da variável sexo se justifica pelo fato de a fala das mulheres ser, em diversos estudos, como o de Rodrigues (2012) e o de Macedo (2004), comumente associada ao emprego de formas linguísticas conservadoras, distinguindo-se da fala dos homens. Dessa suposta diferenciação, advém a hipótese de que a palatalização na fala de São José de Mipibu não configura uma inovação, considerando, nesse sentido, que tanto homens quanto mulheres apresentam, em maior ou menor grau, produções palatalizadas do /S/. Logo, não é típica da fala masculina, mas é uma ocorrência geral da comunidade⁶. Ainda na suposição

⁴ Antes da pesquisa de campo, o contato mais constante com registro de fala da região era com o da entrevistada I. Atentos à fala dela, por ser representativa da comunidade de fala que iríamos investigar, não identificamos a realização de [ʃ] diante de /l/.

⁵ Posteriormente, com a efetiva seleção dos entrevistados, acabou sendo envolvido mais um fator, a idade.

⁶ Cunha e Silva (2019), referente à palatalização de /S/ na cidade de Natal, registram que o fator sexo não interfere na ocorrência do fenômeno.

de que se trata de uma marca linguística da comunidade, formulamos a hipótese de que a palatalização não está limitada à produção de fala de indivíduos com determinado grau de escolaridade.

As seções a seguir são divididas em Delimitação sociocultural, na qual são apresentados, respectivamente, os perfis do município e dos entrevistados; Metodologia da pesquisa, que contempla os procedimentos metodológicos que guiaram a pesquisa de campo e a análise de dados; Abordagem teórica, em que são levantados conceitos essenciais da Geometria de Traços e da Sociolinguística para a análise a ser estabelecida; Análise de dados, em que se interpreta as motivações linguísticas para a palatalização e em que se procura estabelecer correlação entre ocorrências linguísticas e variáveis socioculturais; Conclusão; e, por fim, Referências.

1. Delimitação sociocultural

1.1. Perfil do município

A região selecionada para realização da pesquisa, São José de Mipibu, é uma cidade situada no Rio Grande do Norte. Encontra-se a uma distância de 31km da capital, Natal⁷, é vizinha a cidades litorâneas e apresenta uma população estimada de 43.899 habitantes, conforme dados do IBGE (2019).

Um aspecto de pesquisa de campo relevante para a escolha da cidade é o fato de os falantes mais velhos não terem o hábito de deixar o município. Diferentemente dos mais jovens, que, devido à ausência de universidades e à restrição do mercado de trabalho, costumam frequentar outras cidades do estado diariamente para trabalhar e/ou estudar, os mais velhos, normalmente, costumam permanecer em São José de Mipibu, o que preserva sua fala de influências do falar da capital, por exemplo.

A escolha pela pesquisa fora de Natal decorreu do fato de termos algumas informações sobre esse processo na capital por meio da pesquisa de Pessoa (1986) e também por conhecimento da pesquisa de IC de Priscila Silva⁸ relativa aos falantes natalenses, à época em andamento.

1.2. Perfil dos entrevistados

O levantamento de dados foi feito com a participação de quatro indivíduos, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino. Os demais subagrupamentos do perfil sociocultural dos entrevistados consideram: nível de escolaridade superior ou básico (correspondente, no caso dos informantes da pesquisa, ao ensino médio completo e ao fundamental incompleto) e a faixa etária de 18 e 23 anos e de 47 e 55 anos, respectivamente.

Além dos subagrupamentos de acordo com o gênero, nível de escolaridade e faixa etária, outros critérios foram considerados para a seleção dos entrevistados. Tais critérios foram: 1. ser natural de São José de Mipibu; 2. ter permanecido na cidade por 2/3 de sua vida; 3. apresentar boas condições de fonação e 4. nos casos de entrevistados casados, ter cônjuge que atenda aos critérios 1 e 2. O estabelecimento desses critérios objetiva reduzir ao máximo a possibilidade de interferência, na fala dos entrevistados, de registros de fala de outras regiões (outras comunidades linguísticas).

A entrevistada I é estudante de música de uma universidade pública em Natal e, na data de realização da pesquisa de campo, não exercia atividade remunerada.

⁷ Lugar em que já havia sido feita pesquisa sobre esse processo.

⁸ Priscila Sheila de Medeiros da Silva e Gabriel Sales, de 2018 a 2019, eram bolsistas de iniciação científica do projeto Descrição de Línguas Naturais – Português: formas variantes do arquifonema /S/, em que foram analisadas as produções de fala de Natal e de São José do Mipibu.

O entrevistado II, por sua vez, é estudante de psicologia em uma universidade privada na capital e trabalha como assistente de terapia, também em Natal.

A entrevistada III tem o ensino médio completo e trabalha como cuidadora de idosos em São José de Mipibu.

O entrevistado IV possui ensino fundamental incompleto e estava desempregado na data da entrevista.

Ambos entrevistados I e II são solteiros, ao passo que os entrevistados III e IV formam um casal. Os entrevistados I, II e IV nunca deixaram a cidade por longos períodos. Em contrapartida, a entrevistada III já viveu por dois anos no estado da Paraíba – atende, apesar disso, ao critério II. Os entrevistados I e II, embora durante a semana passem o dia em Natal estudando e/ou trabalhando, diariamente mantêm contato com sua comunidade.

2. Metodologia da pesquisa

2.1. Pesquisa de campo

O contato com os entrevistados foi feito através de um conhecido em comum, que auxiliou na seleção dos informantes a partir dos critérios estabelecidos. Após a seleção, realizaram-se duas idas à cidade, uma com caráter de apresentação, para conhecer os entrevistados – e também ser conhecido –, esclarecer sobre o trabalho de pesquisa a ser feito e sobre a participação deles; e a outra ida, na semana seguinte, para realização das entrevistas.

A coleta de dados envolveu dois instrumentos: narrativa controlada e questionário fonético-fonológico (QFF). A escolha desses instrumentos levou em consideração o fato de eles permitirem um envolvimento emocional do entrevistado a ponto de não haver preocupação em monitorar sua fala. Consequentemente, há obtenção de dados espontâneos, provenientes de uma situação real de uso da língua.

Para atingir esse objetivo, primeiro foram feitas perguntas que conduziam o entrevistado à produção de narrativas: perguntas abertas sobre a cidade, a infância e contos locais. O informante tinha liberdade para discorrer como quisesse e sobre o que quisesse. Já o QFF foi elaborado com 34 questões, formuladas como uma espécie de jogo de adivinhação de palavras previamente selecionadas. Eram dadas pistas ao entrevistado e esperava-se que ele chegasse à palavra desejada, como o exemplo “como se chama o palito usado para acender o fogão?”, pista dada na expectativa de obter o dado “fósforo”. A aplicação do QFF, além da narrativa, se justifica pela necessidade de obter ocorrências de /S/ em contextos fonológicos diversos, os quais talvez não fossem contemplados pelos dados gerados a partir da narrativa.

As gravações foram feitas utilizando o *software* Gravador de Voz, da Digipom, para dispositivos *Android*. Cada sessão de gravação foi realizada na casa dos próprios entrevistados. Como o ambiente não era controlado, foram registrados nas gravações alguns ruídos, como o canto de pássaros e ruídos das casas vizinhas, por exemplo. Apesar disso, devido à localização em uma cidade interiorana, marcada pela calma, não houve interferências relevantes na qualidade das gravações, que totalizaram 106min:55s.

2.2. Tratamento dos dados

Posteriormente às gravações, foram feitas transcrições fonéticas de oitiva. Em seguida, todos os dados passaram por uma análise acústica no *Praat*¹⁰. Ao todo, foram coletados 439

⁹ Em coda complexa, envolvendo a semivogal palatal, epentética ou não, os falantes apresentam variação entre [s]~[ʃ] e [z]~[ʒ] diante das mesmas consoantes que motivam a palatalização de /S/ em coda simples.

¹⁰ Nesta pesquisa, o uso do *Praat* serviu como um instrumento de reexame das transcrições já feitas de oitiva.

dados de /S/ em coda silábica. Desses, 342 resultaram da narrativa e 97 do QFF, conforme a tabela 1 abaixo.

	Narrativa	QFF
Entrevistada I	80	30
Entrevistado II	109	30
Entrevistada III	115	26
Entrevistado IV	38	11
Total:	342	97

Tabela 1: Entrevistados x quantidade de dados

Fonte: dados da pesquisa (2019)

Também de acordo com a tabela 1, acima, o entrevistado IV foi o que produziu a menor quantidade de dados, tanto na narrativa, quanto no QFF. Ao todo, foram 49 dados produzidos por ele, menos que a metade do total de dados dos demais informantes. Apesar disso, como é possível visualizar na tabela 2, abaixo, o tempo total de gravação do entrevistado IV foi bem próximo ao da entrevistada I.

	Narrativa	QFF	Total
Entrevistada I	16:35:00	07:24:00	23:59:00
Entrevistado II	18:00:00	11:21:00	29:21:00
Entrevistada III	17:51:00	13:22:00	31:13:00
Entrevistado IV	06:40:00	15:42:00	22:22:00
Total	59:06:00	47:49:00	106:55:00

Tabela 2: Entrevistados x tempo de gravação

Fonte: dados da pesquisa (2019)

Atribuimos a baixa quantidade de dados produzidos pelo entrevistado IV à dificuldade de obter narrativas, gerada, talvez, por ele ser uma pessoa mais reservada que os demais entrevistados. Esse aspecto é refletido no tempo de duração da narrativa do informante, apenas 6min:40s. Lembrando que o tempo de gravação envolve tanto a participação do pesquisador quanto a do entrevistado.

3. Abordagem teórica

3.1. Geometria de Traços

A forma de configuração articulatória dos segmentos na Fonologia Autossegmental permite que se trabalhe tanto com matrizes inteiras de traços quanto com autossegmentos. Sendo assim, a escolha pela Geometria de Traços de Clements e Hume (1995) fundamenta-se na sua aplicabilidade, de um modo geral, ao processo investigado.

Clements e Hume (1995), a fim de representar a hierarquia existente entre os traços e a possibilidade de eles operarem independentemente ou em conjunto, propõem a representação dos segmentos em um diagrama arbóreo que distribui os traços por meio do nó Raiz, nós

intermediários (nós de classe) e traços fonológicos (nós terminais), conforme a figura 1, que representa a geometria das consoantes do PB.

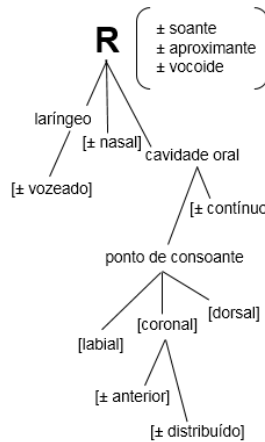


Figura 1: Geometria de traços das consoantes do PB

Fonte: Clements e Hume (1995)

Embora o diagrama arbóreo proposto por Clements e Hume (1995) para as consoantes pretenda configurar as relações hierárquicas entre nós e traços de qualquer som consonantal de uma língua, neste trabalho a formalização da geometria apresentada pelos autores será modificada, considerando a análise a ser estabelecida sobre a variação do arquifonema /S/ em coda na região de São José de Mipibu.

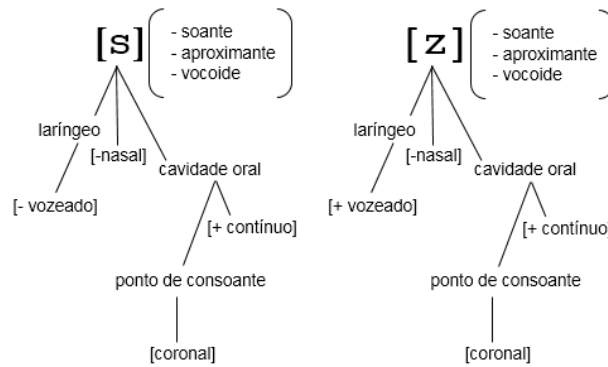
Para a interpretação a ser assumida, mostra-se relevante, na configuração da geometria consonantal, considerar a proposta de D’angelis (2002 *apud* CUNHA, 2004) relativa às subespecificações do traço [coronal], o [±anterior] e o [±distribuído]. A partir dessa perspectiva, os segmentos que são marcados com os traços [±anterior] e [±distribuído], no modelo de Clements e Hume (1995), passam a ser monovalentes, sendo especificados apenas quando forem [-anterior] e [+distribuído].

Essa outra configuração para [coronal] é relevante e simplificadora para a interpretação que iremos assumir com relação à palatalização do /S/ na fala mipibuense, uma vez que será descrito, posteriormente, o processo de dissimilação, e não de espraçamento de traços. Para representar o processo dissimilatório na fala mipibuense, por meio do modelo de Clements e Hume (1995), seria necessário haver um desligamento prévio do traço [coronal], [+anterior] [-distribuído], do segmento para, provavelmente, em seguida, ocorrer o espraçamento do traço [coronal] com subespecificações [-anterior] e [+distribuído] de outro som. Entretanto, no processo que será descrito, não existe possibilidade de haver espraçamento desse traço, já que se trata da evitação da sequência de coronais e não há, na maior parte dos dados, nenhum segmento do qual o traço [coronal], com as subespecificações [-ant] [+dist], possa espraçar para o /S/. Fica evidente, portanto, que, através dessa representação, não é possível descrever o processo dissimilatório aplicado à fala de São José de Mipibu.

Por outro lado, a partir da adaptação feita no modelo de Clements e Hume (1995), é possível representar o processo dissimilatório, que, no caso, não exige espraçamento de traços. Na configuração assumida, o arquifonema /S/, originalmente especificado como [+ant] e [-dist], passa a não ter essas marcações, ou seja, é representado apenas pelo traço [coronal]. Com isso, o processo de palatalização que atinge essa consoante na posição de coda diante das coronais [t], [d] e [n] seria representado somente pela ativação das subespecificações do traço [coronal], diferenciando, com relação a ponto de articulação, a consoante em coda, [coronal], [-ant] [+dist], da consoante em *onset*, [coronal].

Tendo em vista a configuração estabelecida por Clements e Hume (1995) e o ajuste assumido no modelo, são apresentadas a seguir as geometrias de traços das consoantes que

constituem as
neste estudo, as
as [coronal]



variáveis analisadas
[coronal], [s] e [z], e
palatalizadas, [ʃ] e [ʒ].

Figura 2: Geometrias adaptadas de [s] e de [z]
Fonte: Adaptação a partir de Clements e Hume (1995)

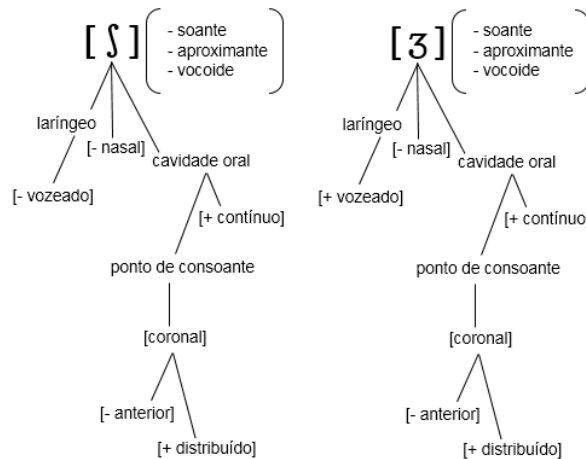


Figura 3: Geometrias de [ʃ] e de [ʒ]
Fonte: Clements e Hume (1995)

Conforme demonstrado através dos diagramas acima, o traço que se apresenta como distintivo dentro dos grupos de consoantes alveolares e palatais é o $[\pm\text{vozeado}]$. Dessa forma, a distinção entre [s] e [z], bem como entre [ʃ] e [ʒ], é feita pela marcação [-voz] para os primeiros segmentos de cada grupo e [+voz] para os últimos. A produção de um ou outro segmento de cada um dos grupos, conforme Camara Jr. (1999), varia de acordo com o contexto fonológico seguinte, já que há influência do processo de assimilação regressiva do traço [+voz] do segmento que sucede a fricativa alveolar ou palatal. Dessa forma, se o segmento em *onset* na sílaba seguinte à fricativa for caracterizado pelo traço [+voz], ela será realizada como [z] ou [ʒ]. Por outro lado, se aquele segmento for caracterizado pelo traço [-voz], a fricativa será realizada como [s] ou [ʃ]¹¹.

O processo de assimilação do traço $[\pm\text{voz}]$ acima descrito é efetivado ainda que a sílaba seguinte à fricativa seja iniciada pelo seu elemento nuclear, de maneira que a consoante em coda assume o traço [+voz] da vogal. Entretanto, a fricativa tende a ser ressilabificada para o *onset* da

¹¹ Embora o traço $[\pm\text{voz}]$ seja relevante para a distinção dos segmentos nos grupos de consoantes alveolares e palatais, a análise aqui estabelecida não focaliza o processo de vozeamento que atinge as variantes.

silaba seguinte após esse processo, o que descaracteriza o contexto fonológico analisado nesta pesquisa (realização do /S/ em coda). Com isso, a exemplo de Macedo (2004) e Santos (2012), o contexto em que há ressibificação não será considerado na análise de dados estabelecida.

A distinção entre alvelares e palatais, por sua vez, é identificada através das subespecificações do traço [coronal], conforme a adaptação feita no modelo de Clements e Hume (1995). Com as subespecificações monovalentes [-anterior] e [+distribuído] sob o traço [coronal] correlacionadas às consoantes [ʃ] e [ʒ], é possível diferenciá-las das coronais [s] e [z], que não apresentam subespecificações para esse traço. A diferenciação articulatória estabelecida, então, é entre coronais e coronais subespecificadas.

Dentre os princípios postulados pela teoria, o Princípio de Contorno Obrigatório (OCP) demonstra ser relevante para a descrição do /S/ em coda na fala de São José de Mipibu. A aplicação desse princípio na fala mipibuense prevê a proibição da produção de segmentos consonantais que compartilham o mesmo traço [coronal] não subespecificado. Com isso, diante da sequência de coronais, considerando uma em coda e outra em *onset*, o falante lança mão do processo fonológico de dissimilação para evitar tal sequência de segmentos.

3.2. Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística, conforme formalização de Labov (1977), configura-se como uma área da linguística que tem como objeto de estudo a língua em situação real de comunicação. A essa vertente interessa, portanto, dados de fala não monitorada, ou seja, resultantes de uma produção em que o falante não está concentrado na própria linguagem.

O interesse da Sociolinguística pela caracterização da fala de comunidades provém do pressuposto teórico de que a análise da língua não pode ser dissociada do contexto social, pois o sistema está a todo o momento sob pressão cultural da comunidade que o utiliza (CEZARIO; VOTRE, 2008). Nesse sentido, cabe ao sociolinguista descrever as variáveis linguísticas e sociais que condicionam o uso do fenômeno linguístico focalizado. A análise estabelecida delinea a sistematicidade da distribuição da variante e identifica o grau de estabilidade do fenômeno em estudo – se está em fase de implementação, se é categórico ou se está em fase de desaparecimento –, enfim, se o estágio do processo é de variação estável, de mudança linguística em curso ou concretizada.

A admissão de que uma única língua contém conformações diversas, atreladas a comunidades de fala, nos leva à premissa basilar da Sociolinguística: a variação é intrínseca a qualquer língua. Dessa maneira, evidencia-se que a Sociolinguística se preocupa em demonstrar as regularidades e os condicionadores da variação, provando que a variação não é assistemática ou caótica. A demonstração da regularidade de formas variantes revela que elas (sejam regionais, sociais ou de registro) podem ser compreendidas como parte do sistema. Desse entendimento, decorre a análise Sociolinguística.

A ideia de que algumas variantes da língua possuem menor valor é de influência extralinguística, ou seja, provém do social. Linguisticamente, as formas variantes entre si são, potencialmente, equivalentes e o julgamento decorre da posição econômica e social que o falante ocupa na comunidade. A exemplo disso, podemos citar a palatalização da consoante obstruente [-cont], /t/, decorrente da assimilação progressiva do traço [coronal] com as subespecificações [-ant] [+dist], como no dado ['mũjtʃu]. O estigma sobre essa ocorrência de palatalização possivelmente decorre também do fato da consoante /t/ constituir sílaba com vogal [dorsal] [labial], [u], e não com a vogal [i]. De um modo ou de outro, ainda que a palatalização focalizada tenha por alvo a mesma consoante, avizinada por um segmento com os mesmos traços

articulatórios, [coronal] [-ant] [+dist], diferenciando-se apenas pela direção progressiva e regressiva do processo, uma produção é tida como prestigiosa e a outra, estigmatizada¹².

Os aspectos metodológicos da Sociolinguística trazem à discussão elementos dimensórios acerca da variação:

- I) A variação pode ocorrer em qualquer nível da língua (fonético, morfológico ou sintático) e ser condicionada por fatores de ordem linguística, a exemplo de, respectivamente, posição da sílaba na palavra, contextos fonológicos seguinte e antecedente; tipo de classe de palavra, junção de morfemas; a relação estabelecida com outro termo como um constituinte de nível não oracional ou de nível oracional. A variação também pode ser motivada por fatores de ordem social, a exemplo de gênero do falante, faixa etária, classe social e nível de escolaridade. Fatores esses que podem atuar isoladamente ou em conjunto na demonstração de determinado evento linguístico.
- II) A variação, que tanto tem caráter estável quanto indicativo de mudança linguística, pode efetivamente não resultar em mudança. Entretanto, toda mudança é resultante de um estado anterior de variação. Um exemplo de variação estável no PB, segundo Cezario e Votre (2008), é a que ocorre entre as consoantes [r] e [ʀ], ao integrar a posição C₂ de *onset* complexo, como em ['klaru]~['kraru], cuja produção com [r] é relacionada a grupos menos escolarizados, e com [ʀ] é associada a grupos com maior nível de escolaridade. A mudança linguística, por sua vez, ocorre quando uma das variáveis em competição se espalha na comunidade de forma a se sobrepor, a exemplo da consoante /l/, cuja realização fonética em contexto pós-vocálico hoje, no PB, é mais frequente como semivogal [labial], [w]. (CEZARIO; VOTRE, 2008)
- III) A identificação do fenômeno em variação pode resultar em mudança propriamente dita. Para verificação do tipo de mudança, se efetiva ou em curso, a Sociolinguística dispõe de metodologias de estudo com base em *tempo real* e em *tempo aparente*. A análise em *tempo real* é realizada através da comparação entre dados de fala de uma comunidade em diferentes períodos do tempo - intervalo de tempo, em média, de 12 a 50 anos (CEZARIO; VOTRE, 2008). A análise em *tempo aparente*, por sua vez, ao estabelecer comparação entre a fala de indivíduos de diferentes faixas etárias, possibilita a interpretação de fenômenos linguísticos em variação e/ou mudança na fala corrente da comunidade.

A escolha pela Sociolinguística como uma das teorias condutoras deste trabalho se justifica, principalmente, pelo fato de entendermos a língua como heterogênea, ou seja, composta por variação entre formas equivalentes em todos os níveis de análise. Tal heterogeneidade, porém, possui regularidade condicionada por fatores internos e externos à própria língua, o que significa que ela não é assistemática (MOLLICA, 2017).

Tendo em vista que este trabalho se propõe a identificar os condicionadores das realizações palatalizada e [coronal] da variável dependente do estudo – o /S/ pós-vocálico na comunidade de São José do Mipibu –, o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística demonstra ser relevante para a análise a ser estabelecida. Nesse sentido, por investigarmos variáveis dependentes tanto de ordem linguística quanto social, as quais potencialmente influenciam a produção do /S/ na fala dos mipibuenses, nos valem da teoria sociolinguística como fio condutor da interpretação da relação entre os aspectos internos e externos à língua e de seus pressupostos metodológicos para a coleta de dados.

¹² Como a palatalização de /t/ mais difundida decorre de assimilação regressiva, ela já é mais aceita, mesmo pelos falantes que não a produzem. Como a outra, decorrente de assimilação progressiva, tem o seu uso mais restrito e decorre, para o público leigo, de um ambiente fonético inesperado (constituição de sílaba com vogal [dorsal] [labial], [u]), acaba sendo estigmatizada.

4. Análise de dados

4.1. Variáveis linguísticas

A análise dos dados de fala dos quatro entrevistados contribui para a interpretação do registro de fala de São José de Mipibu em relação ao processo de palatalização do /S/.

As produções palatalizadas diante de /t/ e de /d/ foram categóricas, ou seja, não há registro de variação na fala de nenhum informante, conforme os dados [dojʒ'dētis] e [ĩʃtru'mētũ], da informante I, [ajʒda'ki] e [ʒɛf 'tãw], do informante II, [eliz'da] e [ĩtre'viʃta], da informante III, [baʃtãti'nɛ] e [ĩf 'tɔrja], do informante IV.

Diante de /n/, por outro lado, é constatada flutuação¹³ entre as realizações [coronal] [-ant] [+dist] e [coronal], fato demonstrado por produções como ['hɔʒna]~['hɔzna], da informante I, ['hɔʒna] e [majznũ'ɛ], do informante II, [eliz'nãũ]~[eliz'nãw], da informante III.

Para além da nossa expectativa, que limitava a ocorrência da palatalização, em São José de Mipibu, ao contexto seguinte preenchido pelas consoantes /t/, /d/ ou /n/, é identificada, nos registros de fala do entrevistado II, uma expansão das consoantes desencadeadoras do processo, com a entrada no elenco da consoante /l/, conforme o dado [dezli'za]. Tal expansão pode ser caracterizada como um avanço do processo de palatalização, considerando a distribuição dos segmentos na escala de sonoridade: parte de /t/ e de /d/, segmentos obstruintes, e passa a atingir segmentos com características menos consonantais, como as nasal, /n/, e líquida, /l/.

Tal expansão, porém, parece estar em um estágio bem inicial, já que foi constatada na fala de um único entrevistado e em apenas um dos dados gerados por ele que atendem ao contexto /S/ + /l/. A maioria das produções desse falante nesse contexto ainda é da variante [coronal], como nos dados [izlã'mizmu] e [awgũzaspekitez'la]. Além disso, os dados dos demais entrevistados registram a realização [coronal] como categórica no contexto focalizado, a exemplo dos dados [dizlɔ'kadu] e [eliz'levũ], produzidos pela entrevistada I; [dizlɔ'ko] e [ajz'lɔʒa], produzidos pela entrevistada III.

Nos contextos seguintes, excluídos aqueles caracterizados pela presença de /t/, /d/, /n/ e /l/, os informantes produzem categoricamente formas fonéticas não palatalizadas de /S/. Alguns dados que exemplificam essas produções são: [ez'mɔla] e [nuzhɔ'sadus], produzidos pela entrevistada I, [kapi'tajs] e [sews'pajs], produzidos pelo entrevistado II, [ĩgaz'gadu] e [duaz'vezis], produzidos pela entrevistada III, [is'kõdi] e [us'fawsu], produzidos pelo entrevistado IV.

Outros fatores linguísticos, como a vogal núcleo da sílaba, tonicidade ou atonicidade da sílaba e ocorrência intra ou interpalavras dos segmentos envolvidos não são condicionantes para o processo de palatalização, haja vista a ampla distribuição de dados com registro de palatalização em sílabas nucleadas por diferentes tipos de vogais, tanto átonas quanto tônicas, dentro da palavra ou na junção de palavras. A exemplo disso, apresentam-se os dados ['hɔʒna] e [ũaf 'trejs], da entrevistada I, ['hɔʒna] e [põtuʃtu'rifʃtikus], do entrevistado II, [ĩtre'viʃta] e [eliz'nãw], da entrevistada III, ['gɔʃtũ] e [deleʃ 'tãw], do entrevistado IV, nos quais são verificados tanto ambiente tônico quanto átono, intra e interpalavra, respectivamente. Identifica-se, também, a efetivação da palatalização em sílabas nucleadas por diversos tipos de vogais, como a [dorsal]

¹³ Mais adiante se argumentará sobre a predominância da forma palatalizada.

[+ab1] [+ab2] [+ab3], [a], em [üaf'trejs], a [labial] [dorsal] [-ab1] [+ab2] [+ab3], [ɔ], a exemplo de ['fiɔʒna], e da [coronal] [-ab1] [-ab2] [-ab3], [i], como em [itre'viʃta].

Os dados demonstram, ainda, que a palatalização do /S/ ocorre apenas quando há sequência de consoantes com traço [coronal], uma em coda e outra em *onset*, o que reforça a interpretação de que esse processo é resultado da dissimilação motivada pela aplicação do OCP, que nesse caso evita a sequência de consoantes coronais (alveolares) em coda e em *onset*.

Considerando a análise apresentada acima, interpretamos que o fator linguístico condicionante da palatalização em São José de Mipibu é o contexto fonológico seguinte, caracterizado pela presença em *onset* das consoantes coronais /t, d, n, l/.

Esse contexto demonstra ser determinante para o processo de palatalização por promover sequência de segmentos com traço [coronal], um em coda, /S/, e outro em *onset*, /t, d, n, l/. O falante mibipuense, então, ativa o processo dissimilatório desencadeado pelo OCP, a fim de evitar tal sequência de coronais. Com isso, a consoante em coda, antes [coronal], passa a ser produzida como [coronal] [-ant] [+dist], diferenciando-se, em relação a ponto de articulação, do segmento em *onset*. A dissimilação é representada na figura 4, abaixo.

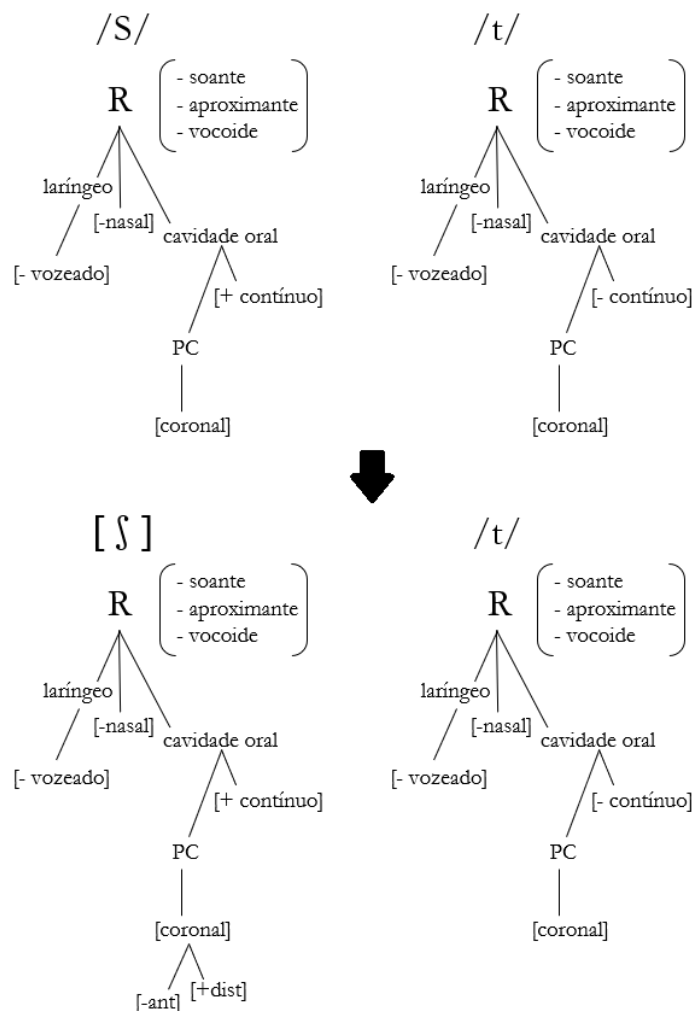


Figura 4: Geometria de segmentos envolvidos no processo dissimilatório.

Fonte: adaptado de Clements e Hume (1995)

A análise dos dados dos entrevistados demonstra que a palatalização de /S/ é categórica diante de /t/ e de /d/ e está em variação diante de /n/ (tanto intra quanto interpalavras). Essa

constatação comprova a hipótese inicial de que tais contextos fonológicos são favorecedores da palatalização na fala da comunidade focalizada.

Diferentemente do esperado, o contexto fonológico seguinte caracterizado pela presença da consoante /l/ em *onset* também se mostrou favorecedor da palatalização do /S/. Isso pode ser explicado pelo fato de essa consoante também compartilhar o traço [coronal] não subespecificado e, ainda, pela ampliação do processo dissimilatório a consoantes coronais que pertencem a outros níveis na escala de sonoridade.

Essa gradação em relação à aplicação do OCP na fala mipibuense é indicada pela variação constatada diante de /n/ e pela baixa quantidade de dados de palatalização diante de /l/. O princípio atinge, categoricamente, grupos com características mais consonantais da escala de sonoridade e demonstra estar se expandindo em direção a consoantes nasal e líquida, conforme a figura 5, abaixo.

Obstruintes	>	Nasais	>	Líquidas
0		1		2
/t, d/		/n/		/l/

Figura 5: Amostragem da expansão de consoantes motivadoras do processo de palatalização

Fonte: dados da pesquisa (2019)

O registro da variante [coronal] [-ant] [+dist] diante das consoantes /n/ e /l/ na fala do RN já havia sido feito por Pessoa (1986), em sua pesquisa sobre a fala de Natal. Entretanto, o processo de palatalização descrito pela autora apenas atingiria os contextos /S/ + /n/ e /S/ + /l/ em ambiente de junção de palavras, conforme os dados [dakeliʒ'nuklews] e [dojʒ'litu], provenientes da pesquisa de Pessoa (1986).

Tal restrição em relação ao ambiente de ocorrência da palatalização de /S/ diante das consoantes nasal e líquida não existe na comunidade de São José do Mipibu, considerando os dados colhidos em 2019, conforme já demonstrado na seção 4.1. Dessa forma, ao efetuar uma análise de tempo real, considerando esta pesquisa e a de Pessoa (1986) como representativas da fala do RN, percebe-se que a atual distribuição da variante palatal diante das consoantes focalizadas já representa um avanço no processo dissimilatório em relação à distribuição identificada em 1986.

4.2. Variáveis socioculturais

De acordo com Alkmim (2012), a sociolinguística trabalha com a correlação entre as estruturas linguística e social. Dessa forma, a análise das variáveis socioculturais associadas às variáveis linguísticas pode revelar alguns condicionantes da variação em estudo.

Conforme descrito na seção 1.2, a pesquisa foi realizada com quatro entrevistados subgrupados de acordo com o sexo (duas mulheres e dois homens), idade (dois entre 18 e 23 anos e dois entre 47 e 53 anos) e nível de escolaridade (dois com ensino básico e dois com ensino superior).

Com relação à realização de /S/ diante de /t/ e de /d/, os dados demonstram que, independentemente das características socioculturais dos falantes, a produção palatal é categórica. Falantes de diferentes sexos, idades e níveis de escolaridade palatalizam diante dessas consoantes, o que indica que esses fatores não condicionam tal produção. Os dados de palatalização diante desses sons estão dispostos no quadro 1¹⁴, abaixo.

¹⁴ Esse quadro contempla apenas realizações de vocábulos fonológicos para uniformizar os dados apresentados.

Entrevistado	Sexo	Idade	Nível de escolaridade	/t/	/d/
I	F	18	Superior	[ũa]f'trejs]	[dojʒ'dêtis]
II	M	23	Básico	[põtu]ftu'ri]ftikus]	[ajʒda'ki]
III	F	47	Superior	[doj]strãs'põhti]	[eliʒ'da]
IV	M	55	Básico	[deli]f'tãw]	-

Quadro 1: Dados de /S/ diante de /t/ e de /d/ x perfil dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Diante de /n/, por sua vez, é constatada variação entre as produções [coronal] e [coronal] [-ant] [+dist] nos dados de todos os entrevistados que produziram vocábulos com sequência /S/ +/v/, com predominância da palatal. Do conjunto de 18 dados diante de /n/, considerando as produções de todos os informantes, 13 registram a realização palatalizada e apenas 5 são de produção [coronal]. É relevante considerar, ainda, que há variação, inclusive, na produção do mesmo vocábulo, a exemplo dos registros ['hõʒna]~['hõzna], produzidos pela informante I.

O fato de a produção [coronal] [-ant] [+dist], embora haja flutuação, se realizar de forma majoritária nas falas de homens e de mulheres de diferentes idades e níveis de escolaridade demonstra que essa produção provavelmente está presente na comunidade há algum tempo e já não é restrita a um grupo sociocultural específico, o que justifica a predominância da [coronal] [-ant] [+dist].

Já diante de /l/ a predominância na fala dos entrevistados é da variante [coronal]. O entrevistado II (homem, 23 anos e com ensino superior) foi o único que apresentou algum dado com registro de produção palatal. Este, porém, foi apenas um dos dados de sequência /S/ + /l/ gerados pelo informante. Todos os demais registram a variante [coronal], o que demonstra que a palatalização diante dessa consoante é inovadora na comunidade e que tal fenômeno está em um estágio inicial.

O fato de a produção palatal diante de /l/ ter sido registrada apenas na fala de um entrevistado do sexo masculino pode ser justificado através do que COSTA (1996) aponta sobre as falas de homens e mulheres. Segundo a autora, a fala masculina é caracterizada pelo uso de formas inovadoras, enquanto a feminina tende a ser mais conservadora.

Tendo em vista que a entrevistada I, a qual compartilha com o entrevistado II a faixa etária e o nível de escolaridade, não produziu nenhum dado com registro palatal diante de /l/, interpretamos que esses outros fatores, diferentemente do sexo, parecem não interferir na efetivação do processo. Dessa maneira, o sexo seria, provavelmente, o fator sociocultural condicionador dessa inovação. Entretanto, haja vista que o entrevistado IV (homem, 55 anos, com ensino básico) não produziu dados de sequência /S/ + /l/, não é possível confirmar que a palatalização diante dessa consoante é restrita ao sexo masculino e independe dos demais fatores socioculturais, dentro do subagrupamento sexo masculino.

CONCLUSÃO

A análise dos dados de fala dos entrevistados demonstra que a palatalização do /S/ na fala mipibuense é resultado do processo dissimilatório desencadeado pelo OCP, o qual evita sequência de consoantes com traço [coronal], considerando uma em coda e outra em onset.

Através da dissimilação, o falante ativa as subespecificações do traço [coronal], [-ant] [+dist], e diferencia, dessa forma, a consoante em coda, palatalizada, do segmento em onset, [coronal].

A palatalização de /S/ diante de /t/ e de /d/, na fala mipibuense, demonstra ser categórica, independentemente dos fatores socioculturais. Tal fato revela que o processo dissimilatório, no contexto descrito, já está estabilizado, haja vista a ausência de variação entre produções [coronal] e [coronal] [-ant] [+dist] em dados com essas sequências.

Os segmentos /t/ e /d/, porém, não são os únicos desencadeadores da palatalização. O leque de consoantes que funcionam como gatilho do processo dissimilatório, na verdade, demonstra estar sendo ampliado: começou pelas obstruintes, avança para a nasal e sinaliza sua aplicação em direção à líquida.

A análise dos fatores socioculturais, por sua vez, revela que a ampliação mencionada provavelmente já abrange a consoante nasal [coronal] há algum tempo, considerando que, embora exista flutuação entre os registros [coronal] e [coronal] [-ant] [+dist], a produção palatal diante desse segmento foi majoritária nos dados de todos os entrevistados. A partir disso, é possível concluir que a realização da [coronal] [-ant] [+dist] não é restrita a um perfil sociocultural específico e parece avançar para a estabilização.

Diante de /l/, por outro lado, é constatado um nível de entrada na língua diferenciado ao do /n/, como desencadeador da dissimilação. A maioria das produções diante da consoante líquida é [coronal], havendo apenas um dado com registro [coronal] [-ant] [+dist], o qual foi produzido pelo informante II (homem, faixa etária jovem e com ensino superior). O cruzamento das variáveis socioculturais demonstra que, provavelmente, o fator sexo é relevante para a realização palatal diante de /l/, a qual é interpretada como uma inovação na fala da comunidade, haja vista a ausência de registros semelhantes na fala de outros informantes.

Esta inovação apresentada na fala do entrevistado de sexo masculino pode estar relacionada com a característica inovadora aplicada à fala masculina, conforme diversos autores, a exemplo de Rodrigues (2012), Macedo (2004) e Costa (1996). Para confirmar que apenas esse fator sociocultural condiciona a produção palatalizada diante de /l/, porém, seria necessária a ampliação deste estudo com dados de sequência /S/ + /l/ na fala de informantes com características socioculturais tanto convergentes às do entrevistado II quanto divergentes para determinação do fator sexo como mais relevante para essa inovação

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, volume 1. 8. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 21 - 48.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião Josué. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 141-155.

CLEMENTS, George Nick; HUME, Elizabeth Valerie. The internal organization of speech and sound. *In*: GOLDSMITH, John Anton. (org). **The handbook of phonological theory**. Blackwell Publisher: Cambridge, Massachusetts. 1 ed. 1995.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. A importância do conhecimento de variação linguística. **Educ. rev.** no.12 Curitiba Jan./Dec. 1996. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40601996000100005>. Acesso em: 26 de agosto de 2019.

CUNHA, Carla Maria. **Um estudo de fonologia da língua Makuxi (karib)**: inter-relações das teorias fonológicas. 2004. Tese (doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

CUNHA, Carla Maria; SILVA, Priscila Sheila de Medeiros da. A Palatalização do /S/ em coda em registro de fala natalense. *In*: HORA, Dermeval da *et al* (org.). **Estudos linguísticos (teorias e aplicações)**: Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – AFAL. São Paulo: Terracota Editora, 2019. p. 45-62.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Panorama de municípios**: São José de Mipibu. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/sao-jose-de-mipibu/panorama>. Acesso em: 16 de outubro de 2019.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. 5. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. 100 f. Dissertação (mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. *In*: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.p.11 - 82.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9 - 14.

PESSOA, Maria Angélica. **O s pós-vocálico na fala de Natal**. I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: UFBA, 1986.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes. A realização variável de fricativas no português brasileiro. **Sociodialeto**, Campo Grande, v.2, n.1, p. 1-22, 2012.

Submetido em 20/11/2019

Aceito em 17/03/2020